



Sistema de
Bibliotecas
UFMG

Conexão Biblioteca

Boletim Informativo do Sistema de Bibliotecas da UFMG | Ano 5 . Nº 16 | Maio . Junho de 2016

EQUACIONANDO DIFERENTES TRAJETÓRIAS

Conheça as histórias das
bibliotecas do Instituto
de Ciências Exatas e dos
Departamentos de Química
e de Física da UFMG

Liberdade de imprensa
ainda que tardia
Página 3

Críticas póstumas
Página 6

Tesouro para a memória
Página 7

No último ano, quantas
escritoras você leu?
Página 8

Liberdade, ainda que tardia: na literatura, na imprensa, na vida. Liberdade para dar voz às múltiplas vozes. Esse é o mote do “Conexão Biblioteca” dos meses de maio e junho de 2016, que traz, na data em que se celebra o Dia Mundial da Liberdade de Imprensa (05 de maio), reflexões sobre a atuação dos veículos de comunicação no Brasil.

Na página 03, um trecho do livro “As meninas”, de Lygia Fagundes Telles, deixa um convite à leitura de uma obra que, felizmente, passou despercebida pela censura no período da Ditadura Militar e traz importantes temas como a tortura e a repressão.

As mudanças na educação decorrentes dos anos de chumbo marcam também o início das histórias das bibliotecas da Física, Química e do Instituto de Ciências Exatas, contada na matéria “Equacionando diferentes trajetórias”. E, para encerrar as reflexões desta edição, uma matéria questiona a igualdade de gênero na escrita, com relatos de preconceitos vivenciados por escritoras e experiências de um grupo que convida todos a lerem mais obras escritas por mulheres. Afinal, “no último ano, quantas escritoras você leu?”.

Em comemoração ao Dia da Língua Portuguesa, o “Conexão” também faz um convite à leitura de obras de escritoras e escritores de todos os países que falam o idioma: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor Leste.

O informativo traz, ainda, dicas de filmes baseados em uma obra clássica da literatura brasileira, informações sobre exposições e eventos da UFMG e destaca a importância de se preservar a memória do Festival de Inverno da Universidade Federal de Minas Gerais, cuja 48ª edição já se aproxima!

Boa leitura!

Carla Pedrosa
coordenadora da Divisão de
Comunicação do Sistema de
Bibliotecas da UFMG

POR UMA PROSA DE VOZES MÚLTIPLAS

Questionamentos sobre o processo criativo de escrita

Dica: Fluxo-Floema

Disponível: Biblioteca Prof. Rubens Costa Romanelli, na Faculdade de Letras

Disponível: HILST, Hilda. Fluxo-floema. São Paulo: Globo, 2003.

Juarez Guimarães Dias - Professor Adjunto do Departamento de Comunicação Social (FAFICH-UFMG), Escritor, Diretor Teatral e Publicitário.



“Fluxo-floema”, primeira incursão de Hilda Hilst na prosa, compõe-se de cinco narrativas independentes, mas que se cruzam no ponto da criação literária e da luta do autor com a linguagem que não consegue expressar integralmente a experiência do humano: Fluxo, Osmo, Lázaro, O unicórnio e Floema. Em algumas, Hilda Hilst tenta refazer sua trajetória de escritora e ao mesmo tempo questionar seu processo criativo e o mercado editorial, à medida que inventa personagens-escritores que, também eles, buscam recriar o mesmo processo.

Esta prosa contraria a literatura tradicional ao impor seus fluxos verborrágicos, em detrimento de uma narrativa linear com personagens verossímeis. As vozes múltiplas que ecoam de seus textos não se preocupam em contar um enredo e desenvolvê-lo e irrompem sem a preocupação de demonstrar, graficamente para o leitor, sua presença no texto, pois uma voz se divide em várias e ao mesmo tempo constituem uma unidade.

Sua linguagem híbrida, misto de narrativa, poesia e drama, refere-se à percepção da autora que os gêneros não têm fronteiras; podem e devem se misturar, pois tudo é linguagem. E a sua, afirmava, é basicamente poética. Encerrada pelos críticos numa visão de “escritora de difícil compreensão”, “Fluxo-floema” (para além de sua famosa trilogia erótica dos anos 1990) pode ser considerado um livro importante para se iniciar no universo narrativo hilstiano.

Esse é o seu espaço!

Compartilhe uma sugestão de leitura enviando um *e-mail* para:

comunicacao@bu.ufmg.br

Em 5 de maio de 1991, um grupo de jornalistas da Namíbia clamava pelo direito a uma imprensa livre, independente e pluralista. Era um seminário da UNESCO, cuja data ficou marcada como o Dia Mundial da Liberdade de Imprensa.

Vinte e cinco anos depois, o Brasil comemora esta data como o 99º país no ranking de respeito à liberdade de imprensa dos Repórteres sem Fronteiras de 2015. Apesar de ter subido 12 posições em relação ao ano anterior, a situação ainda é considerada problemática.

“A mídia brasileira é privada, concentrada e nada plural. Ela acaba repercutindo o que apenas uma parcela da sociedade pensa”, pondera Ana Paola Amorim, jornalista e doutora em Ciência Política pela UFMG. “Há super vozes com megafones falando o tempo inteiro, as vozes de quem tem mais poder e dinheiro; e outras vozes, como as do cidadão comum, dos grupos oprimidos e dos mais carentes, não aparecem”, observa Juarez Guimarães, professor do Departamento de Ciência Política.

Juarez e Ana Paola são coautores do livro “A corrupção da opinião pública: uma defesa republicana da liberdade de expressão”, disponível no acervo do Sistema de Bibliotecas da UFMG. Nessa obra, eles propõem uma reflexão a respeito da regulamentação democrática da imprensa no Brasil.

A constituição brasileira de 1988 prevê uma regulação da imprensa que nunca foi viabilizada. Segundo Juarez, não há vontade política suficiente para colocá-la em pauta no Congresso, especialmente pelo risco de ser taxada como projeto de censura na mídia. “É o paradoxo do paradoxo: proibir uma discussão sobre liberdade de expressão argumentando em prol da liberdade de expressão”, diz Ana Paola. A jornalista aponta que a dominação de grandes conglomerados de mídia impede que a Constituição seja cumprida, porque os artigos da lei não foram regulamentados por pressão dessas empresas.

Liberdade de imprensa AINDA QUE TARDIA

Lívia Araújo



Além de proibir a concentração de propriedade da mídia, é necessário criar medidas de estímulo e de incentivo às formas públicas e cooperativas de comunicação. “Quanto mais houver a rede pública de comunicação democraticamente gerida e servindo não como instrumento de governo, mas como um espaço público e plural, maior será a democratização do acesso à informação”, comenta Juarez.

Uma conquista recente foi a regulamentação do direito de resposta a ofensas na mídia, aprovada em novembro de 2015. A lei garante resposta do mesmo tamanho e com as mesmas características da matéria considerada ofensiva. “Nós devemos comemorar as grandes conquistas da liberdade. Mas essa comemoração só pode ser crítica”, reflete o professor.

Dose de Literatura



– Não sei explicar, Madre Alix, mas o que queria dizer é que embora resguardada a senhora luta a seu modo, respeito sua luta. Respeito até a luta dos que querem nos destruir, respeito sim senhora, eles estão na deles. Como estamos na nossa, enfraquecidos, traídos, divididos, não calcula como estamos divididos. Mas vamos agüentando. Um que fique tem que correr como um cão danado pra passar o facho ao seguinte que recebe e sai correndo até o próximo que nem estava na corrida, entende. De mão em mão. É demorado mas não estamos mais com tanta pressa.

Escrito e publicado por Lygia Fagundes Telles no auge da ditadura militar no Brasil, o livro “As meninas” passou despercebido pela censura da época e trouxe, por meio por meio das histórias e testemunhos de três jovens, temas como a repressão e a tortura.

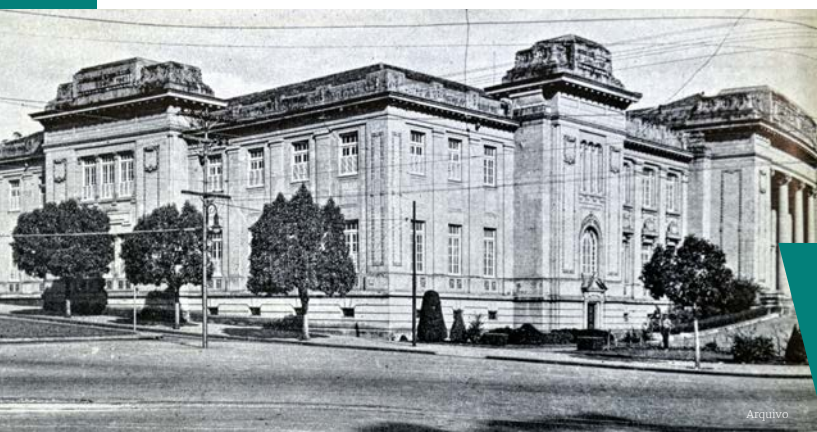
EQUACIONANDO DIFERENTES TRAJETÓRIAS

Conheça as histórias das bibliotecas do Instituto de Ciências Exatas e dos Departamentos de Química e de Física da UFMG

Alexandre Vilaça

A década é de 1960. Sob o regime militar no Brasil, nessa época comandado pelos marechais Castello Branco (1964–1967) e Costa e Silva (1967–1969), a população vivenciava uma onda de protestos que contestavam a intolerância da linha dura que se instituiu no país. Nessa época, os cursos de licenciatura e bacharelado em Física, Matemática e Química ainda estavam sediados na antiga Faculdade de Filosofia de Minas Gerais. A despeito do sonho de ampliar o acesso ao ensino superior, os primeiros dez anos da Faculdade de Filosofia não foram fáceis, pois os recursos financeiros eram escassos. A demanda pelos cursos era muito pequena e, de 1939 a 1952, formaram-se em Física somente três pessoas.

Até o final da década de 60, os professores de Física, Matemática e Química lecionavam não só na Faculdade de Filosofia, mas também em outros institutos da Universidade, como a Escola de Engenharia e a Faculdade de Farmácia.



Antiga Faculdade de Filosofia de Minas Gerais

As curvas da história

Durante os governos militares, o ensino superior passou pela Reforma Universitária de 1968, que teve dois princípios norteadores: o controle político das universidades públicas e a formação de mão de obra para economia. Foi nesse mesmo período conturbado da história política brasileira que foi formado o Instituto de Ciências Exatas (ICEx), com os Departamentos de Física, Matemática e Química. Nessa época, o Departamento de Matemática, juntamente com as salas de aula e os laboratórios de ensino de Física e Química, foram instalados em um prédio provisório, denominado Pavilhão Central de Aulas (PCA).

Em 1972, parte dos docentes do Departamento de Matemática se desvinculou, dando origem aos Departamentos

de Ciência da Computação e Estatística e aos respectivos cursos de graduação. Ainda em plena ditadura militar, foram criados os cursos de pós-graduação de Física, Química, Matemática e de Ciências da Computação da UFMG.

No livro “As universidades e o regime militar”, o professor da UFMG, Rodrigo Patto Sá Motta, aborda os paradoxos da ditadura na definição da política universitária. Ele aponta que, se por um lado houve a expulsão, prisão e tortura de professores e estudantes que eram contra o regime, por outro, foi feito um investimento na modernização das universidades para impulsionar o desenvolvimento econômico. “A universidade tinha papel fundamental para alimentar a indústria e outras áreas estratégicas de novas tecnologias e recursos humanos. Essa combinação de impulsos gerou uma política universitária contraditória”, afirmou Sá Motta, em matéria publicada no Boletim UFMG de 10 de março de 2014.

Nesse contexto de “modernização autoritária”, foram criadas as bibliotecas de pós-graduação do ICEx e do Departamento de Química e de Física, cada qual com sua trajetória em busca da disseminação do conhecimento.

A Biblioteca da Física e seus agentes



Dayane Gomes

Com mais de 9 mil exemplares e cerca de 6 mil títulos, a Biblioteca do Departamento de Física foi nomeada em homenagem ao professor Manoel Lopes de Siqueira, importante agente na construção do espaço.

No ano de 1957, Siqueira formou-se em Engenharia Civil pela Escola de Engenharia da UFMG, onde também realizou pós-graduação em Engenharia Nuclear. Na década de 60, especializou-se em Física na USP. Foi autor de cerca de cinquenta trabalhos para periódicos científicos nacionais e internacionais. Atuou como chefe do Departamento de Física da UFMG por duas vezes e foi também diretor do ICEx. Além de dar nome à Biblioteca, uma avenida próxima à Escola de Engenharia e ao Centro de Microscopia da Universidade, no campus Pampulha, também homenageia o professor.



Outra agente de destaque da Biblioteca da Física é a professora Beatriz Alvarenga, cujas doações formam uma coleção de destaque no acervo, devido ao volume expressivo e à importância de sua produção.

Nada de inércia



Energia e força são pouco para resumir o entusiasmo e dinamismo de Beatriz Alvarenga. Em um ambiente dominado por homens, como as ciências exatas, Beatriz foi pioneira. Em 1946, foi a única mulher a se formar em Engenharia Civil pela então UMG, que mais tarde se tornaria Universidade Federal de Minas Gerais. Em 1968, foi uma das responsáveis pela criação do Departamento de Física dentro do ICEx. Hoje, aos 93 anos, é autora da coleção de livros didáticos “Física – contextos e aplicações”, *best-seller* na área desde 1970.

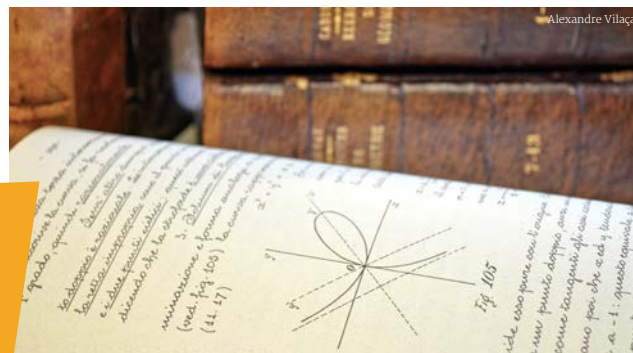
Composição física da Biblioteca da Química

Localizada em seu próprio Departamento, a Biblioteca de Pós-Graduação em Química realiza, anualmente, mais de 4 mil empréstimos domiciliares, com frequência de cerca de

5 mil usuários. Na totalidade de volumes de materiais impressos, a biblioteca hoje possui 8 mil itens no acervo. Entre eles, destacam-se algumas preciosidades, como o livro “*Traité de Chimie Inorganique*” (Tratado de Química Inorgânica), de 1921, e “*Theilheimer’s synthetic methods of organic chemistry*” (Métodos de Síntese da Química Orgânica de Theilheimer), datado de 1982.



Biblioteca do ICEx: interseção de três áreas das ciências exatas



Originalmente, as bibliotecas dos Departamentos de Ciência da Computação, Estatística e Matemática encontravam-se separadas em diversos prédios da Universidade. Nessa época, o ICEx vinha ampliando gradativamente suas atividades e atuação, no entanto essa expansão não se verificava no espaço físico. O ICEx era carente de áreas adequadas para salas de aula, laboratórios e bibliotecas.

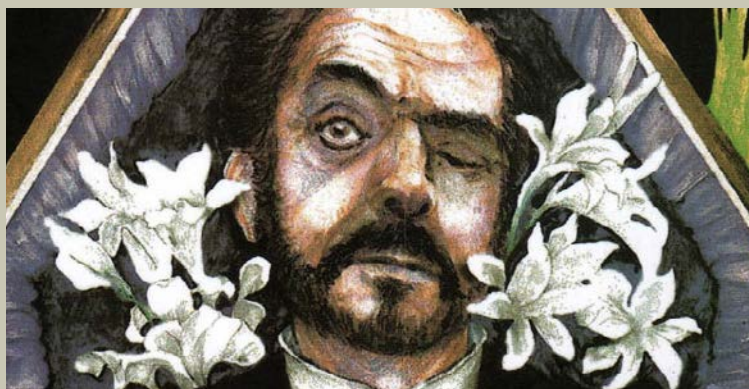
Para solucionar esse problema, foi proposta a construção do atual prédio. Nesse projeto, uma área foi destinada à construção de uma única biblioteca para os Departamentos de Ciência da Computação, Estatística e Matemática, que geraram benefícios significativos. Com a construção da Biblioteca do ICEx, foi possível economizar recursos financeiros e uniformizar os regulamentos, assim como os procedimentos técnicos e políticas. Serviços, produtos e normas de utilização foram amplamente divulgados, possibilitando maior integração entre a biblioteca e os usuários.

Equacionando as trajetórias das bibliotecas da Química, da Física e do ICEx encontramos, como ponto de interseção, o comprometimento dos profissionais com o conhecimento, por meio da aquisição, manutenção e aperfeiçoamento de acervos especializados que subsidiam a produção científica e permitem ampliar o horizonte da pesquisa na Universidade. Apesar de atenderem diretamente aos pesquisadores da pós-graduação, as bibliotecas dos Departamentos e do Instituto estão abertas a toda a comunidade universitária.

CRÍTICAS
PÓSTUMAS

Carla Pedrosa

“Ao verme que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáver dedico com saudosa lembrança estas memórias póstumas”. Assim começa a narrativa do romance “Memórias póstumas de Brás Cubas”, escrito pelo célebre Machado de Assis. No livro, o Brás Cubas morto narra as memórias do Brás vivo, expondo inclusive seus defeitos, as futilidades e privilégios da elite brasileira do século XIX. Com um mesmo tom sarcástico e crítico, no cinema a obra ganhou vida duas vezes. Em 1985 foi lançado “Brás Cubas”, com direção de Júlio Bressane e em 2001, “Memórias Póstumas”, na versão dirigida por André Klotzel. Tanto o livro, quanto as adaptações cinematográficas trazem um convite à reflexão sobre a fragilidade e mesquinhez do gênero humano.



Reprodução

Especial

Descolonizando
a leitura

Alexandre Vilaça

Com mais de 250 milhões de falantes, o português é considerado o quarto idioma mais falado do mundo, registrando uma das taxas de crescimento mais elevadas na Internet, nas redes sociais, na aprendizagem como língua estrangeira e, claro, também na literatura. Para comemorar a exuberância do idioma, o Dia da Língua Portuguesa e da Cultura é celebrado no dia 5 de maio em Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe, Timor Leste e no Brasil.

A data foi instituída em 2009 pela Comunidade dos Países de Língua Portuguesa – CPLP, em uma decisão do XIV Conselho de Ministros da CPLP, realizado em junho de 2009, em Cabo Verde. O objetivo da comemoração é reafirmar a importância da língua portuguesa como meio de difundir as diferentes culturas entre os países que falam português e projetar internacionalmente os valores culturais do idioma.

Ao celebrar a literatura em língua portuguesa, não há como deixar de citar “Os Lusíadas”, de Luís de Camões, “O primo Basílio”, de Eça de Queirós, ou “Ensaio sobre a



Matias Mesquita

Agostinho Neto, além de exímio escritor, lutou pela libertação da Angola, tornando-se o primeiro presidente do país.

Cegueira”, de José Saramago. Mas precisamos inverter o olhar, descolonizá-lo, e assim atentar para a escrita, por exemplo, do cabo-verdiano Corsino Fortes, em “Pão e Fonema”, dos angolanos Agostinho Neto, com “Sagrada Esperança”, e Uanhenga Xitu, em “Maka na Sanzala” e “Manana”, ou ainda dos guineenses Hélder Proença, com “Não posso adiar a palavra” e Odete Semedo, com “No fundo do canto”.

Todos esses livros estão disponíveis no Sistema de Bibliotecas, principalmente na Biblioteca Prof. Rubens Costa Romanelli, da Faculdade de Letras, que possui acervo especial de escritoras e escritores africanos. E viva a diversidade cultural dos países que falam português!



Camiliana

Camilo Castelo Branco foi um escritor de muitas contradições. O católico, apesar de cursar o seminário por um tempo, foi preso por adultério em 1861. Tornou-se visconde em 1885, enquanto passava por sérias dificuldades financeiras. Autor romântico de obras como “Amor de Perdição” e “A Queda dum Anjo”, satirizava o Realismo em algumas de suas obras, mas acabou influenciado pelo movimento. Em maio, a Biblioteca Central recebe a exposição “Camiliana”, com as várias nuances de Castelo Branco. Confira algumas delas na Divisão de Coleções Especiais e Obras Raras, no 4º andar da Biblioteca Central.



Semana de Museus

Entre os dias 16 e 22 de maio, o Centro Cultural UFMG promove a 14ª Semana de Museus. Exposições, oficinas, música e cinema, além de visitas mediadas e mesas redondas, serão atrações do evento. Discutindo e utilizando os museus históricos como espaços educativos, o evento ocupará tanto o Centro Cultural, como o Circuito Cultural da Praça da Estação e o Cemitério do Bonfim. De aquarela e tricô a dança afro-brasileira e tambor de crioula, serão muitas opções de oficinas. Haverá também mostras artísticas, shows musicais e a exibição de filmes e documentários.



Exposições da Coleção Livro de Artista

A maior coleção de Livro de Artista do Brasil abre as portas para a comunidade acadêmica! A partir de junho, inicia-se uma série de exposições dessa coletânea na Divisão de Coleções Especiais e Obras Raras, no 4º andar da Biblioteca Central. Com fotografias, ilustrações e textos, os livros de artista foram criados para se tornarem obras de arte em forma de livro. Grandes nomes como Álvaro de Sá, Alex Flemming, Omar Khouri e Paulo Miranda estão entre as principais obras do acervo da UFMG. Diferentes mostras desse acervo ocorrerão em junho, outubro e novembro, com temas que surpreenderão os amantes da arte e da literatura.

Acompanhe as novidades em:

bu.ufmg.br e facebook.com/SistemadeBibliotecasUFMG

Tesouro para a memória

Livia Araújo



Coreografias e denúncias, peripécias e palhaços. Artesanato, teatro, cor e música. Os morros de Ouro Preto ao fundo e a história vibrante do Festival de Inverno da UFMG no final da década de 90. Guardado em uma sala da Diretoria de Ação Cultural até março deste ano, este tesouro fotográfico foi recentemente encontrado e passa por um processo de conservação no quarto andar da Biblioteca Central, para integrar o Acervo do Festival de Inverno da UFMG. Na Divisão de Coleções Especiais e Obras Raras (Dicolesp-BU), a coordenadora Diná Araújo e o bolsista Arthur Costa cuidam dos registros de todas as edições desse evento.

O Festival de Inverno da UFMG nasceu em 1967 e, em julho deste ano, realizará sua 48ª edição. O acervo especial está na Biblioteca Universitária da UFMG há quatro anos e é visitado por pesquisadores de todo o Brasil.

“É o trabalho silencioso da memória”, revela Diná. Conservação, organização e limpeza são palavras-chave. É uma luta contra microorganismos, insetos e substâncias químicas que comprometem fotos e documentos dos festivais passados. A missão é conservar e dar acesso à comunidade.

Para consultar a coleção, agende uma visita à Dicolesp pelo e-mail colesp@bu.ufmg.br ou pelo telefone (31) 3409-4615.

No último ano, QUANTAS ESCRITORAS VOCÊ LEU?

Dalila Coelho

Você pode não ter percebido, mas a igualdade de gênero ainda não chegou às estantes. Na última edição do maior evento de literatura do país, a Festa Literária Internacional de Paraty, apenas 25,6% dos escritores convidados eram mulheres. Dos quarenta membros da Academia Brasileira de Letras, apenas cinco são mulheres. Esse demérito à produção literária feminina acontece não só no Brasil. O Nobel de Literatura, o mais importante prêmio desta arte, já distribuiu ao longo de sua existência 112 prêmios, sendo que apenas 14 mulheres foram laureadas.

Engana-se quem pensa que essa desigualdade acontece porque as mulheres não escrevem tão bem quanto os homens. Na maioria das vezes, o mercado editorial não aceita mulheres escritoras da mesma forma que aceita os homens, pelo simples fato de serem mulheres. Uma prova disso é o relato dado pela escritora norte-americana Catherine Nichols ao site Jezebel, sobre uma experiência vivida por ela em 2015. Após enviar o manuscrito de seu novo livro para cinquenta agentes literários e receber apenas duas respostas positivas, Nichols enviou o mesmo manuscrito sob pseudônimo masculino e dessa vez recebeu dezessete respostas positivas em cinquenta tentativas. Nesse teste, as respostas vieram muito mais rápidas, e mesmo as rejeições vieram com elogios à obra, ao invés das críticas recebidas quando enviou o manuscrito assinado com o seu próprio nome.

Inspirada por essa disparidade, a escritora inglesa Joanna Walsh criou em 2014 a campanha #ReadWomen2014 (Leia Mulheres 2014), visando incentivar a leitura de obras escritas por mulheres. O sucesso da campanha repercutiu no mundo inteiro e no Brasil o projeto Leia Mulheres surgiu em 2015, na forma de um clube de leitura em São Paulo. Hoje, o grupo promove encontros em mais de vinte cidades de diferentes estados. Em Belo Horizonte, os encontros acontecem mensalmente e os livros são escolhidos por enquete e divulgados com antecedência. Qualquer pessoa que tenha interesse em ler e discutir livros escritos por mulheres pode participar do grupo. Cada encontro reúne, em média, trinta pessoas.

“Nós sempre escolhemos um tema diferente e abrimos para sugestões e votações. Já tivemos literatura do século XXI, suspense, terror, história em quadrinhos...” conta Mariana Castro, estudante do Departamento de Ciência Política da UFMG e uma das

mediadoras do grupo Leia Mulheres em Belo Horizonte. Ela explica que “por muito tempo a literatura escrita por mulheres foi categorizada como ‘literatura feminina’, não importando de qual gênero literário o livro se tratasse” e ressalta que a escrita das mulheres tem uma diversidade enorme. “Elas escrevem todos os gêneros, sobre vários assuntos. Acredito que as mulheres têm diversificado mais nesse sentido. Os personagens criados pelos homens são, geralmente, homens de classe média, enquanto os das mulheres variam muito mais. Elas dão mais voz a outros personagens”, afirma.



Reunião do grupo Leia Mulheres de Belo Horizonte, no Sesc Palladium, para discutir o livro “Hibisco Roxo”, da escritora Chimamanda Ngozi Adichie

Olívia Gutierrez, aluna do curso de Biblioteconomia da UFMG, também é mediadora do grupo em BH. Ela explica que o clube de leitura visa mostrar a diversidade de gêneros e contextos trazidos pelas mulheres e incentivar a leitura para além do ambiente acadêmico. Busca exercer, também, uma ação política junto ao mercado editorial. “Existem poucas mulheres sendo publicadas e, consequentemente, poucas mulheres sendo lidas. Então, temos uma ação política e um pouco mais pragmática, uma mensagem para os editores de que estamos lendo mulheres e de que é necessário publicar mais obras de mulheres para que elas tenham mais visibilidade”, enfatiza Olívia.

Voltamos à reflexão: no último ano, quantas escritoras você leu? Independentemente da resposta, vale a pena se engajar no projeto Leia Mulheres! Saiba mais acessando a página www.leiamulheres.com.br e o grupo do facebook **Leia Mulheres - Belo Horizonte**.

Expediente

Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Minas Gerais – Biblioteca Universitária – Diretor: Wellington Marçal de Carvalho – Vice-Diretora: Anália Gandini Pontelo – Projeto Gráfico: Anna Luisa Cunha – Diagramação: Raphaela Fernandes – Editora: Carla Pedrosa (Reg. Prof. 0015822MG) – Coordenador de Design: Marcelo de Carvalho Borges – Bolsistas: Alexandre Vilaça, Dalila Coelho, Dayane Gomes, Livia Araújo e Raphaela Fernandes – Impressão: Imprensa Universitária – Tiragem: 4000 exemplares – Circulação bimestral – Endereço: Biblioteca Universitária – Assessoria de Comunicação Social: Av. Antônio Carlos, 6.627 / sala 206 – 2º andar, Campus Pampulha, CEP 31.270-901, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. Telefone: (31) 3409-5521 – Internet: www.bu.ufmg.br e comunicacao@bu.ufmg.br. É permitida a reprodução de textos, desde que seja citada a fonte.